

A precarização do trabalho do imigrante haitiano em São Paulo^{*}

Priscilla Pachi ^{**}

1 INTRODUÇÃO

Presenciamos desde 2010 um significativo fluxo de haitianos que migrou para o Brasil. Segundo dados da Polícia Federal, aproximadamente 93.000 entradas de haitianos foram registradas de 2010 à 2017¹ em todo o território nacional e, no mesmo período, 15.773 haitianos registraram seus domicílios na cidade de São Paulo. A situação vivenciada por esses imigrantes na capital paulista nos permite formular algumas indagações que visamos abordar nesse artigo.

Pretendemos analisar, mais detidamente, as relações entre a imigração haitiana e a dinâmica do trabalho na cidade de São Paulo. Por meio dessa análise, esperamos compreender como esses imigrantes haitianos se inserem no espaço urbano em função de sua atividade laboral.

Na história recente do capitalismo, as principais causas apontadas para a imigração são as dificuldades de vida, a pobreza, a busca por um futuro melhor e até mesmo o anseio de conquistar alguma fortuna fora do país de origem. Essas causas não diferem da motivação pela qual diversos grupos de imigrantes buscaram e buscam no Brasil, um novo começo de vida, um trabalho que garanta o sustento deles e futuramente de suas famílias.

As migrações, geralmente, apresentam uma dupla característica, a repulsão e a atração de grandes contingentes populacionais por diferentes fatores, porém com um objetivo comum para a maioria dos casos, a busca por trabalho e melhores condições de vida.

Para Harvey (2013), as crises adquirem aspectos internacionais nos quais “o poder disciplinador do “dinheiro mundial” e as relações complexas entre os diferentes sistemas monetários tornam-se o pano de fundo para a mobilidade do capital e do trabalho no cenário mundial” (HARVEY, 2013, p. 482).

^{*} Este texto faz parte de uma investigação científica mais ampla, que foi apresentada na forma de uma dissertação, cujo título é: “A precarização na base da mundialização contemporânea: a imigração haitiana na metrópole de São Paulo.” (PACHI, 2019).

^{**} Mestre em Geografia pela USP; professora de francês, voluntária, na Missão Paz, São Paulo.

Nesse sentido, a força de trabalho também desempenha papel primordial na perspectiva adotada por Marx (1988). O trabalho nas sociedades capitalistas, desde a modernidade, se torna um importante elemento de análise para o capital, sendo a única propriedade que o homem tem, a força de trabalho, como condição para vender no mercado essa sua mercadoria.

A mobilidade de grupos humanos para atender à necessidade dos arranjos produtivos contribui para uma nova divisão territorial do trabalho. Essa divisão espacial e social do trabalho é desigual e o trabalhador imigrante fica sujeito, na maioria das vezes, à exploração da sua força de trabalho por conta da sua dificuldade de inserção social e vulnerabilidade financeira que revelam a precariedade de reprodução da vida e de sobrevivência na cidade de São Paulo.

Para que possamos compreender o desenvolvimento do processo migratório, é preciso dispor de um quadro, da situação da época em estudo, tanto do país onde se dá a emigração, bem como daquele que recebe os imigrantes. Isso permite, até certo ponto, um esclarecimento sobre os motivos que conduziram a saída em massa de sujeitos de um país e a atração exercida pelo país receptor. Em nosso caso, essa análise permite compreender em quais condições os haitianos deixaram o Haiti e o que os atraiu para uma nova vida no Brasil.

Segundo Oliveira (2015), observa-se que os fatores estruturais motivadores da emigração estão fortemente presentes em todos os países de origem: exclusão, exploração da força de trabalho, falta de infraestrutura básica e de serviços são marcas comuns. Essa reflexão nos leva aos seguintes questionamentos: até que ponto esses fatores também não se repetem no país de destino, no caso, o Brasil? E como, portanto, diante disso, se justifica todo o processo de imigração para o Brasil?

Com base em 35 entrevistas realizadas em 2017 e 2018, no espaço da Missão Paz², com os imigrantes haitianos para a pesquisa de Mestrado, mais o cruzamento de dados obtidos do Eixo Trabalho (setor de mediação entre empregadores e imigrantes da Missão Paz), abordaremos alguns resultados que obtivemos com o intuito de analisarmos a inserção laboral dos haitianos em São Paulo, pois acreditamos que o mercado de trabalho atua como fator determinante para a mobilidade desses imigrantes.

2 A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO SOB A ÓTICA DAS MIGRAÇÕES: O CASO DE SÃO PAULO

Com base em trabalho voluntário realizado na Missão Paz, em São Paulo, desde 2014, tivemos a oportunidade de observar e acompanhar a chegada dos imigrantes haitianos que, desde aquela época, vinham em grandes proporções para o Brasil em busca de um trabalho e de melhores condições de vida, já que no Haiti, a situação vivenciada por eles tangenciava uma série de problemas devido à sucessão de graves acontecimentos de ordem política, ambiental, econômica e social.

A situação política e social do Haiti é crítica desde a sua origem. Colonizado por franceses, o país obteve sua independência em 1804, por meio de um levante de escravos que conquistou o poder na Revolução Haitiana e tornou-se a primeira república das Américas a abolir a escravidão. Apesar da sua independência, o Haiti, por muito tempo, não foi reconhecido como independente pelas grandes potências. Em repressão à Revolução, o país sofreu bloqueios econômico e comercial e uma série de crises políticas que perduraram por décadas de governos mal sucedidos. O reconhecimento como país independente só se deu em 1825 pela França, em troca de indenização, e pelos Estados Unidos da América (EUA) décadas depois.

Localizado na América Central, com uma posição privilegiada para o comércio e transporte de mercadorias, mas com uma situação política interna debilitada, o Haiti passou por várias invasões e tentativas de ocupação sendo que, a de maior duração foi a dos EUA (1915-1934). No período de 1957 a 1986, o país é governado por François Duvalier (Papa Doc) e, posteriormente, pelo seu filho Jean-Claude Duvalier (Baby Doc), uma das mais longas ditaduras da história moderna. François Duvalier foi eleito presidente de forma democrática em 1957 “declarando-se seguidor do vodu e com a promessa de devolução do poder aos negros, os reais promotores da liberdade no Haiti” (NOGUEIRA, 2017, p.61).

Sucessivas crises políticas e várias intervenções militares fizeram e fazem parte da história do Haiti e, em 30 de abril de 2004, o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) cria a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti – MINUSTAH, liderada pelo Brasil e em parceria com outros países (Argentina, Chile, Nepal, Sri Lanka, Uruguai entre outros) com o intuito de restaurar a ordem no país. Os principais objetivos da missão eram: estabilizar o país, pacificar e desarmar grupos guerrilheiros e rebeldes, promover eleições livres e formar o desenvolvimento institucional e econômico do Haiti.

Não bastasse a situação política, civil e econômica críticas, em janeiro de 2010, um forte terremoto atinge o país. 1,2 milhão³ de pessoas ficam desabrigadas e a principal cidade, Porto Príncipe, é completamente destruída. As péssimas condições do país, principalmente da capital, passaram a afetar a vida dos sobreviventes.

Estima-se que o evento deixou 316.000 mortos, 300.000 feridos, 1,3 milhão de deslocados, 97.294 casas destruídas e 188.383 danificadas na área de Porto Príncipe e em grande parte do sul do Haiti (FARIA, 2012).

O intenso fluxo migratório de haitianos para o Brasil é recente e seu aumento é comumente associado ao terremoto impondo severas limitações à sobrevivência e subsistência de seus habitantes. De acordo com Cotinguiba (2014), o terremoto tornou-se argumento explicativo do governo brasileiro e foi reforçado pela mídia, de modo geral. Fato é que a entrada desses imigrantes no país intensificou-se entre 2011 e 2014. Segundo pesquisa OBMigra de 2016, o número de haitianos com registros permanentes subiu de 13, em 2011, para 10.622 em 2014.

A inserção do Brasil na rota de imigração haitiana, que conforme Cotinguiba (2014), não é um fenômeno recente e ocorre de forma constante há pelo menos um século, torna-se uma novidade quando associada ao aumento dos números de haitianos que entraram no país nos últimos anos. O ineditismo do porte desse aumento do fluxo migratório haitiano e a complexidade que o envolve é um tema que necessita, portanto, de abordagem sistemática nos diversos campos científicos, sobretudo em sua dimensão geográfica. De acordo com Germani (1974), é necessário ter como parâmetro para análise dos processos migratórios não somente os fatores de repulsão e de atração que levam contingentes de população a procurarem outros lugares para se fixar. Deve-se considerar, nesta perspectiva, condições sociais, culturais e subjetivas tanto no país de origem quanto no de destino, isto é, no sistema como um todo.

Para o caso brasileiro, a primeira década do século XXI é marcada por uma ampliação da inserção internacional do país e por um crescimento econômico propiciado pela estabilidade institucional e pela alta do preço das *commodities* no mercado internacional. Uma das maiores inserções internacionais do Brasil tem como exemplo sua atuação no Haiti.

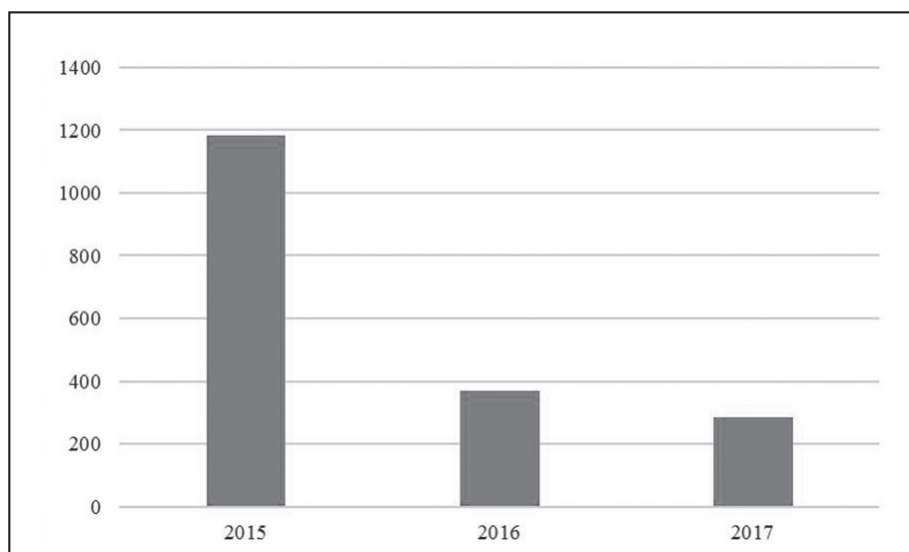
Além do Brasil deter, desde 2004, a liderança da Missão da ONU para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), organizações brasileiras como Pastoral da Criança, Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (Gapa) e empresas como a Embrapa passaram a atuar no país caribenho, o que teria motivado o aumento do interesse pelo Brasil por parte dos haitianos. Pode-se dizer que o discurso do crescimento econômico associado às possibilidades de trabalho e a relativa facilidade para a concessão de visto sejam atrativos para os haitianos. Some-se a isso as restrições à imigração em outros países da América do Norte e da Europa, como aponta Cotinguiba (2014).

Mas, atualmente, o quadro econômico e político do Brasil é bem diferente do prometido pelo governo e encontrado pelos haitianos anos atrás. A instabilidade política se acentuou com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff; houve a desaceleração da economia, os investimentos estrangeiros foram retirados do país, o crédito diminuiu; e, conseqüentemente, o desemprego passou a assolar os brasileiros e também os imigrantes haitianos.

Com base no cenário atual, podemos afirmar que as crises afetaram o Brasil a partir de 2014 e tiveram um impacto negativo no que se refere à oferta de empregos e ao aumento do desemprego. Conforme aponta o Gráfico 1, abaixo, a redução na oferta de empregos aos imigrantes via Eixo Trabalho da Missão Paz, entre os anos de 2015 e 2017, diminuiu de forma drástica e nos revela que, não somente os brasileiros perderam seus empregos, como aponta a mídia e as análises econômicas, mas que os imigrantes haitianos também deixaram de ser contratados formalmente.

Segundo o relatório anual de 2017 intitulado “A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro”, do Observatório das Migrações Internacionais – OBMigra, a crise econômica que o país atravessa desde 2014 afetou a empregabilidade dos brasileiros e agravou-se em 2015. Para o trabalhador estrangeiro, os impactos foram sentidos a partir de 2016 e demonstram “uma diminuição do número de estrangeiros no mercado de trabalho formal. Uma redução de praticamente 13% em relação ao ano de 2015” (OBMIGRA, 2017, p.78).

Gráfico 1: Haitianos contratados formalmente por meio do Eixo Trabalho da Missão Paz



Fonte: Elaboração da autora, 2018

Em 2015 e nos anos que se seguiram até 2017 muitos haitianos buscaram no mercado informal uma possibilidade de sobrevivência em São Paulo e outros estados, devido à crise econômica brasileira. E com a diminuição da oferta de empregos, decidiram partir do Brasil rumo aos Estados Unidos e ao Chile. Mas, a impossibilidade para alguns de migrarem novamente, levou-os a buscarem bicos, o apoio das instituições religiosas e a suposta “ajuda” financeira de outros haitianos e imigrantes. Com o fechamento da fronteira entre Estados Unidos e o México por Donald Trump e a falta de perspectivas no Chile, devido ao endurecimento da lei chilena de imigração que passou a exigir visto de turistas aos haitianos com permanência máxima de um mês⁴, podemos observar uma nova onda de haitianos voltando ou vindo pela primeira vez ao Brasil.

As transformações no modelo de produção capitalista que vivenciamos desde a década de 1980 deram lugar ao padrão de acumulação flexível, baseado num outro modelo organizacional que conta com os avanços da tecnologia e a utilização de computadores no processo produtivo e de serviços. O aumento do trabalho terceirizado, polivalente, a inserção de novas técnicas de gestão, a necessidade constante de atualização dos conhecimentos por parte dos trabalhadores, geraram a intensificação das condições de exploração da classe trabalhadora e a redução dos direitos trabalhistas.

Com todas essas mudanças no mundo do trabalho, os imigrantes são incorporados na divisão internacional e territorial do trabalho por meio da sua inserção em trabalhos desqualificados, terceirizados, com jornadas exaustivas e, muitas vezes, em atividades degradantes.

Para melhor ilustrar os parágrafos acima, preparamos a Tabela 1, abaixo, com os postos de trabalho para os quais os imigrantes haitianos mais foram contratados nos últimos no período de 2015 a 2017. Nela, é possível observar que todos os cargos não exigem qualificação ou algum tipo de especialização, podendo ser exercidos, como demonstra a maioria das atividades indicadas, por qualquer pessoa sem qualificação profissional.

Tabela 1: Cargos que mais contrataram imigrantes haitianos por meio do Eixo Trabalho da Missão Paz.

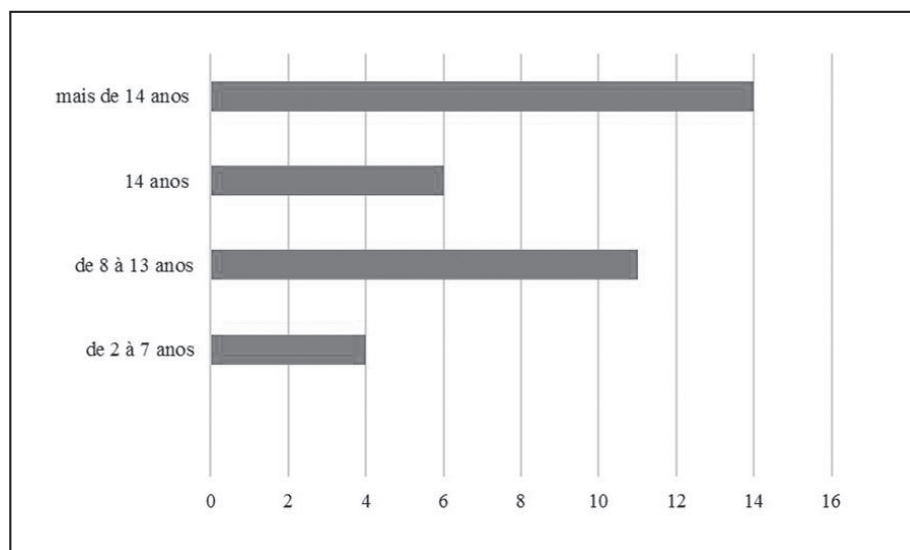
Atividades/ atuação	Anos		
	2015	2016	2017
Ajudante	66	60	38
Auxiliares de serv/ind/geral	371	39	37
Camareiro	12	0	7
Caseiro	14	9	10
Diarista/Doméstica	38	7	5
Limpeza	11	3	1
Pedreiro	38	8	13
Trabalhador Rural	21	9	0
Montador equipamento	14	0	0
Total	585	135	111

Fonte: Elaboração da autora, 2018

Os postos de trabalho acima nos chamam atenção, se compararmos com os dados obtidos em nossas entrevistas. Elas apontam que vários de nossos sujeitos de pesquisa possuíam qualificação, muitos anos de estudo e possuíam outras atividades no Haiti. Nossa hipótese é que esse cenário também se repita ou apareça com certa frequência para esse público que foi atendido pela Missão Paz desde 2015. No entanto, a instituição não analisou esse dado.

Para embasarmos a nossa análise, questionamos os nossos sujeitos de pesquisa sobre quanto tempo estudaram em seu país de origem. Tendo como base que a chamada escola clássica no Haiti, o que corresponde ao fim do nosso ensino médio, é composta por 14 anos de ensino, vários foram os que completaram ou chegaram perto de completar o “ensino médio” haitiano. Muitos também declararam ter o ensino superior completo. Podemos afirmar que os haitianos que nós entrevistamos, em sua maioria, têm mais de oito anos de escolaridade, como mostra o Gráfico 2.

Gráfico 2: Tempo de escolaridade dos imigrantes haitianos entrevistados



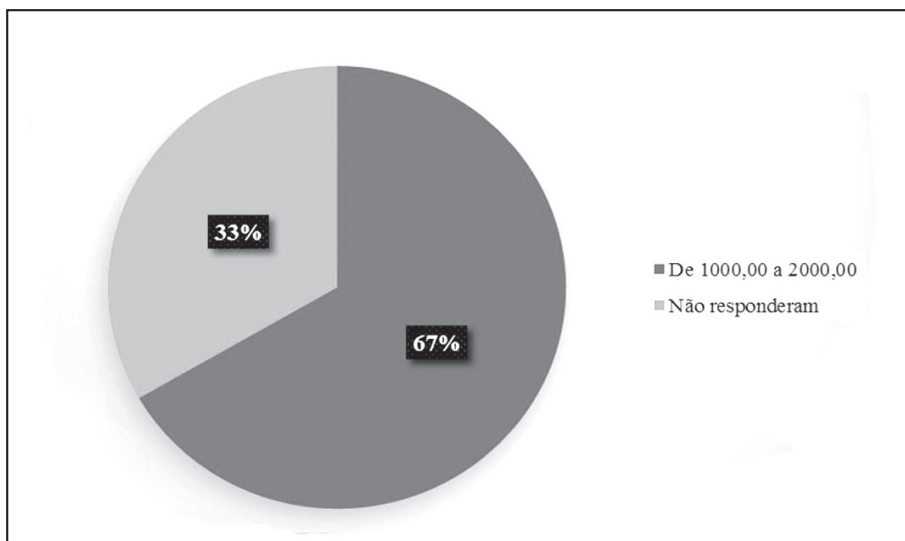
Fonte: Elaboração da autora, 2018

Com relação ao ensino superior, devemos mencionar a dificuldade dos imigrantes em obterem o reconhecimento de seus diplomas no Brasil. Apesar de terem o ensino superior completo, o reconhecimento e a equivalência do diploma, juntamente com as exigências da profissão e a necessidade de falarem o português, fazem com que, muitas vezes, o imigrante se destine à postos de trabalho aquém das suas qualificações profissionais e acabem se submetendo, por necessidade, à colocações precárias e mal remuneradas.

Além da dificuldade com o reconhecimento de diplomas de nível superior, os imigrantes haitianos escolarizados falam o idioma francês e muitos, por terem passado pela República Dominicana, também possuem fluência na língua espanhola. Alguns declararam também fluência no inglês, mas esses diferenciais não são considerados no momento da contratação e na oferta do salário. Mesmo com todas as qualificações que apresentam, não conseguem se inserir de forma digna e ocuparem melhores postos de trabalho que valorizem os seus potenciais.

Outro fator importante a ser analisado, refere-se ao salário que recebem. Todos os nossos sujeitos de pesquisa, no momento da entrevista, estavam desempregados. No entanto, 67% deles, que já trabalharam no Brasil, declararam que a média salarial recebida por eles era de R\$1.000,00 à R\$2.000,00, como demonstra o Gráfico 3.

Gráfico 3: Salário recebido pelos imigrantes haitianos



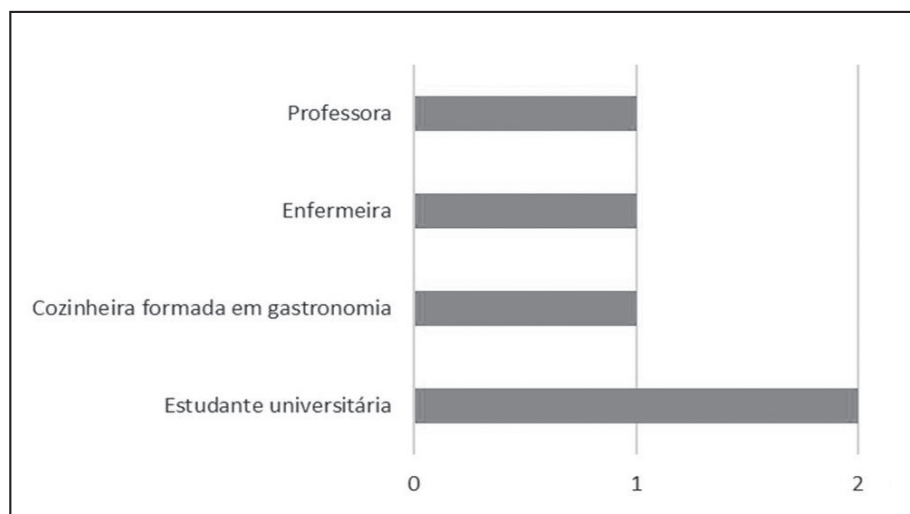
Fonte: Elaboração da autora, 2018

Os haitianos são unânimes em afirmar que o motivo de terem migrado para o Brasil foi a busca por trabalho e melhores condições de vida. No entanto, todos nos revelaram o descontentamento com os salários recebidos por eles, assim como pelo trabalho que exercem no Brasil. Ficam revoltados com a situação precária que vivem e com a impossibilidade de ganharem mais. Com a crise, nem os salários baixos aparecem devido à diminuição das ofertas de emprego. Os salários ou rendimentos do trabalho formal não os possibilitam satisfazer, em muitos casos, as suas necessidades básicas e com isso, também, enviar dinheiro para suas famílias ou partirem para um novo destino migratório.

Podemos constatar, com base nos salários e nas profissões para as quais os imigrantes haitianos foram contratados na cidade de São Paulo, em comparação com a ocupação que homens e mulheres haitianas tinham no Haiti, que, no Brasil, esses imigrantes, como já mencionamos, são contratados para postos de trabalho inferiores à sua capacidade profissional e formação escolar, de modo que a qualificação e a competência que possuem não são levadas em conta para a remuneração adequada e para as atividades as quais são designados a exercerem. Ocupam cargos que, em sua maioria, são braçais e que não exigem nenhum conhecimento específico. Quando atentamos para o fato de que a maioria foi contratada nas funções generalistas de ajudantes e auxiliares (serviço, indústria e geral), esse fato nos remete a pensarmos que, para o empregador, essa força de trabalho pode e deve ser usada à qualquer hora para qualquer atividade que julgue necessária, abrindo, assim, a possibilidade de maior exploração da força de trabalho dessas pessoas. Além disso, algumas atividades exercidas pelos imigrantes são também consideradas insalubres, isto é, exercem atividades as quais ficam expostos à agentes nocivos à saúde, em horários de trabalho no período noturno e em locais de difícil acesso. Assim sendo, podemos dizer que, apesar da qualificação, os imigrantes haitianos profissionalmente qualificados não recebem salários muito parecidos, o que gera insatisfação e revela um certo rebaixamento social com relação à vida que levavam no Haiti.

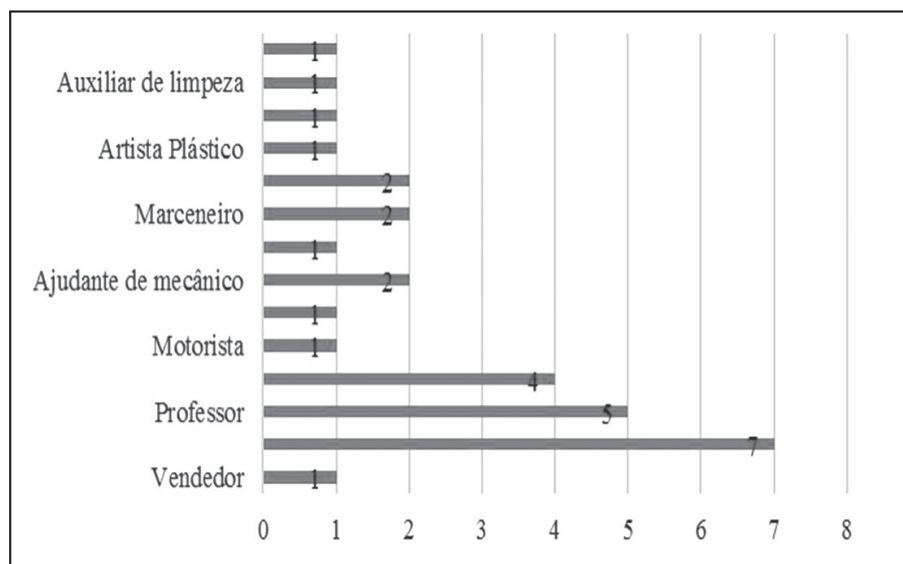
Perguntamos aos nossos sujeitos de pesquisa quais profissões possuíam no Haiti e pudemos verificar que alguns atuavam em funções condizentes à sua qualificação profissional e ao tempo de estudo que tinham, como demonstram, respectivamente, os Gráficos 4 e 5.

Gráfico 4: Ocupação das mulheres no Haiti



Fonte: Elaboração da autora, 2018

Gráfico 5: Ocupação dos homens no Haiti



Fonte: Elaboração da autora, 2018

Tomando em consideração as diferenças entre o Brasil e o Haiti, no que diz respeito ao desenvolvimento das economias e ao nível de industrialização de cada país, podemos verificar com base nos postos de trabalho ocupados pelos homens no Haiti que, em sua maioria, não demandam curso superior, mas a posição social que alguns ocupavam em seu país era um pouco melhor em comparação à que estão atuando no Brasil. Isso nos leva a crer no possível rebaixamento social que estão enfrentando em São Paulo. No caso das mulheres, todas foram rebaixadas em suas profissões.

Tendo em vista todos os problemas enfrentados, desde a barreira da língua, a dificuldade de reconhecimento do diploma ao elevado desemprego que temos no Brasil, podemos dizer que os imigrantes estão numa situação de vulnerabilidade que os levam a aceitar qualquer tipo e condição de trabalho para sobreviver na cidade.

No que tange à força de trabalho imigrante,

Pietro Basso a identifica como “protótipo da força de trabalho flexível” – sujeita a todas as formas de exploração, piores horários, ritmos pesados, péssimas condições de trabalho e baixa remuneração. Uma precariedade que naturalmente se prolonga, como ressalta o autor, na condição de vida do imigrante, habitação, educação, serviços de saúde (VILLEN, 2014, p.92).

Outra característica que deve ser levada em consideração refere-se ao tempo de permanência no emprego. Como executam trabalhos braçais que exigem força e preparo físico em sua execução, muitos imigrantes são contratados por períodos curtos de três meses e são exaustivamente utilizados ao ponto de não serem mais úteis ou apresentarem problemas de saúde após os três meses de atividade, o que requer a contratação de outro que passará pela mesma situação.

Ressaltamos que o trabalho intermitente é uma das formas mais características da precarização do trabalho no neoliberalismo, sendo uma das formas de driblar os efeitos da crise do capital globalizado por meio da exploração dos trabalhadores. Neste tipo de trabalho, os trabalhadores são contratados por baixos salários, por períodos curtos e determinados, nos quais o capitalista, protegido pela legislação, não tem a obrigação de arcar com outros custos do contrato de trabalho. Da mesma maneira que a força de trabalho é contratada, também é descartada criando assim, uma rotatividade de funcionários sempre prontos para serem explorados.

Segundo Marx (1988), a acumulação capitalista produz uma superpopulação relativa, excessiva e supérflua para as necessidades de valorização do capital. Esta população é transformada no chamado exército industrial de reserva disponível que pertence ao capital; ela é tornada um material humano explorável, sempre pronto, para as várias necessidades de valorização do capital. Este exército de reserva, hoje composto por brasileiros desempregados e imigrantes em busca de emprego, aparece como um recurso suplementar que tem por objetivo regular os salários dos que estão empregados e aumentar a exploração da força de trabalho. Os salários, deste modo, são regulados pela expansão e pela contração do exército industrial de reserva. É neste triste cenário que o Brasil está vivendo. Temos, à cada dia, mais desempregados aumentando o exército de reserva, empregados sendo explorados e imigrantes em busca de trabalho. Para Marx (1988), o capital não é produto físico, mas relação social que se baseia na exploração da força de trabalho.

Para Antunes (2004), o caráter destrutivo do capital vigente se deve à precarização permanente do trabalho, sobre as formas de subempregado, desempregado que intensificam os níveis de exploração para aqueles que trabalham. Os níveis de exploração aumentam, os salários permanecem achatados e o poder de compra dos trabalhadores é reduzido.

Antunes (2009) indica que atualmente,

(...) uma noção ampliada de classe trabalhadora que inclui, todos aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando, além do proletariado industrial, os assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende a sua força de trabalho para o capital. Essa noção incorpora também o proletariado

precarizado, o subproletariado moderno, o “*part time*”, os trabalhadores assalariados da chamada “economia informal”, os trabalhadores desempregados, expulsos do processo produtivo e do mercado de trabalho pela reestruturação do capital e que hipertrofiaram o exército industrial de reserva, na fase de expansão do desemprego estrutural. (ANTUNES, 2009, p. 103-104)

A crise econômica e o aumento do desemprego geram um conflito entre trabalhadores, desempregados nacionais e imigrantes. A presença do imigrante é vista como uma ameaça à possibilidade dos brasileiros se manterem desempregados ou virem a perder seus empregos já que, atualmente, também competem com os imigrantes na busca por empregos precários e aumentam o exército de reserva.

Outra variável importante, já citada e que abordamos em nossas entrevistas, refere-se à jornada de trabalho dos imigrantes. É possível dizer que os imigrantes haitianos realizam longas e exaustivas jornadas de trabalho diárias que, muitas vezes, atinge 45 horas semanais. Muitas dessas atividades são exercidas por meio do trabalho terceirizado, contratado por empresas que utilizam a força de trabalho imigrante para a realização de atividades mal remuneradas e degradantes, o que estimula a precariedade do trabalho e, muitas vezes, deparamo-nos com trabalhos análogos à escravidão como é o caso dos trabalhadores da indústria têxtil. A terceirização é uma forma de gestão das empresas que, por meio da flexibilidade dos contratos estabelecidos, em grande maioria, não oferecem todas as garantias ao trabalhador, em comparação à CLT, e o discriminam frente aos empregados com contrato formal de trabalho.

Antunes e Druck (2014) apontam que o capitalismo, na atualidade, apresenta um movimento tendencial em que terceirização, informalidade, precarização servem para a ampliação de sua lógica onde a precarização social contemporânea do trabalho torna-se o centro das transformações produtivas desse sistema em suas várias dimensões. Em consequência, o capital reafirma a força de trabalho como mercadoria, subordinando os trabalhadores a uma lógica em que a flexibilidade e o descarte são fatores determinantes para um grau de instabilidade e insegurança no trabalho.

Assim como Harvey (2005; 2013) nos fala dos ajustes espaciais e da necessidade do capital de ir em busca de novos territórios para se expandir, Basso (2014) aponta a necessidade das empresas em deslocarem suas atividades para países onde o trabalho custa menos e onde é possível ter o prolongamento das jornadas médias de trabalho. Desse modo, países desenvolvidos buscam outros países cujas garantias trabalhistas são praticamente inexistentes e o custo baixo da força de trabalho para a instalação de suas indústrias e seus negócios. Já para Antunes (2009), a lógica destrutiva do capital, ao mesmo tempo que

expulsa centenas de milhões de pessoas do mundo produtivo gerador do valor em seus trabalhos estáveis e formalizados, recria, nos mais distantes espaços, novas modalidades informalizadas e precarizadas de geração de mais-valor.

Os novos fluxos migratórios, dentre eles os haitianos, estão inseridos em processos de precarização do trabalho no qual encontramos a economia informal que faz parte da economia global e de suas cadeias produtivas. Na impossibilidade de encontrarem emprego, os imigrantes inserem-se na informalidade e no comércio de rua e articulam redes globais de circulação de mercadorias e de fluxos financeiros contribuindo para a exploração da força de trabalho também imigrante de uma cadeia produtiva.

Na capital paulista encontramos todo tipo de trabalho precário, informal, o emprego temporário e várias outras formas de atividades, até mesmo ilegais, que cumprem o papel de garantir o mínimo de sobrevivência aos trabalhadores nacionais e aos imigrantes.

Sassen (2016) denomina como tendência subterrânea essa mescla entre informalidade e ilegalidade dos trabalhadores urbanos, sobretudo dos imigrantes, e Tarrius (2002) os coloca como protagonistas da globalização por baixo.

Podemos dizer que várias são as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes haitianos no mercado de trabalho como a precariedade das condições de trabalho, discriminação, baixa remuneração. Devido à baixa remuneração, não conseguem guardar dinheiro para regressarem ao Haiti ou migrarem para outro país. Demonstram claramente a insatisfação com as condições de vida que têm no Brasil onde a precariedade também se reflete na habitação, nos locais que frequentam, no subconsumo e na dificuldade de manutenção de uma vida digna na cidade de São Paulo.

Na cidade buscam locais mais “baratos” para se fixarem, já que o espaço é uma mercadoria que tem um preço elevado, e o salário que recebem, quando empregados, não permite que se incluam em locais melhores e a precariedade também se revela no local de habitação. Dirigem-se para o extremo da zona Leste, para as proximidades do Glicério, onde se encontra a igreja Nossa Senhora da Paz, primeiro local de acolhimento na cidade, e para municípios distantes do centro da capital paulistana. A instalação se dá de forma precária. Muitas vezes, várias pessoas ou famílias vivem numa mesma residência, dividem quartos e cortiços. Dessa forma, os imigrantes se inserem na cidade de forma precária devido, aos baixos salários e esta precariedade se manifesta na habitação, na mobilidade e na utilização dos serviços e espaços públicos.

O trabalho como elemento central das dinâmicas sociais desvenda a segregação e os conflitos sociais no urbano, onde a sua precariedade revela as desigualdades que são expressas no plano do vivido. É também no plano do vivido que o imigrante deixa sua marca no espaço como produto social, resultado do produto de seu trabalho.

No que diz respeito à inserção dos imigrantes na sociedade brasileira, a questão do trabalho é fundamental para que compreendamos a imigração haitiana à luz dos processos de reprodução capitalista.

Para Sayad (1998), imigração e trabalho se tornam aspectos complementares e a permanência de um imigrante em determinado local só se justifica enquanto houver trabalho e ele assumir a posição que se espera dele na sociedade que o recebe, ou seja, de um trabalhador necessário e capaz de suprir as demandas existentes no mundo do trabalho. Da mesma forma, Harvey (2005) afirma que a expansão do capital para além dos territórios leva à imigração. A grande quantidade de mão de obra disponível pode ser aproveitada se houver deslocamentos de grupos que, por sua vez, buscam trabalho e melhores condições de vida.

Imigrantes haitianos deixam o seu país de origem devido às péssimas condições de vida e pela dificuldade de conseguirem emprego. Em território brasileiro, deparam-se com a quase impossibilidade de encontrarem emprego e, com isso, inserem-se de forma precária nas dinâmicas territoriais e sociais brasileiras, onde os sonhos da partida vão cedendo lugar para a decepção e a crueldade da realidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das duas últimas décadas do séc. XX até os nossos dias estamos presenciando o trabalho regulamentado e o emprego com carteira assinada sendo substituído pela terceirização e pela informalidade. Além disso, há o aumento da precarização e dos contratos temporários sem registro em carteira.

Nesse cenário neoliberal em que vivemos, cujas características são a terceirização, a precariedade, aumento do desemprego e do trabalho intermitente; a redução dos salários e o prolongamento das jornadas de trabalho, encontramos trabalhadores imigrantes, sem documentos ou não, submetidos à longas jornadas de trabalho, em turnos geralmente não aceitos por brasileiros, em serviços que não exigem qualificação profissional, em sua maioria, braçais, e que, em São Paulo, não são exercidos pelos paulistanos. Recebem salários baixíssimos que resultam numa ocupação urbana periférica onde as condições de vida são precárias no que tange à habitação, estudo, saúde e lazer.

Desde 2014 o Brasil vivencia uma crise econômica e política que vitimou vários brasileiros e reduziu o fluxo de vinda de haitianos para o país nos últimos anos. Mas, mesmo com a crise, os vistos para o Brasil estão sendo concedidos normalmente pelo consulado brasileiro e esses imigrantes continuam chegando esperançosos com a possibilidade de encontrar um emprego e mudar suas vidas.

Para os haitianos que chegam em São Paulo, deparam-se com a dificuldade de encontrar emprego frente à uma crise política e econômica, o que aprofunda o problema da precariedade das condições de vida e de trabalho que se

reproduzem no espaço da cidade. Sobrevivem de “bicos” quando estes surgem na construção civil, na venda informal de produtos adquiridos por terceiros e por meio da ajuda de instituições religiosas e de conhecidos da mesma nacionalidade que, comumente, os abrigam e ajudam na busca por trabalho.

Os empregos, quando conseguem, são conquistados, na maioria das vezes, por meio de instituições como a Missão Paz, e por redes de solidariedade formadas entre os imigrantes de mesma nacionalidade.

Segundo Sayad (1998), a condição do ser migrante coloca o indivíduo numa situação de aceitar o trabalho mais penoso e menos remunerado. Precisamos entender que na atual divisão territorial do trabalho pautada pelo modelo neoliberal, o mundo do trabalho vem sofrendo mutações importantes no modo de produção com a diminuição e a extinção de postos de trabalho. Abre-se, assim, margem para o aparecimento e crescimento do trabalho precarizado, no qual a lógica desse sistema produtor de mercadorias e financeirizado é a busca por maior produtividade e o aumento do exército de reserva. As alternativas de sobrevivência encontradas pelos imigrantes, na maioria das vezes, são a informalidade ou uma nova migração.

As crises econômicas e política afetaram e afetam os fluxos migratórios para o Brasil, mas isso não quer dizer que deixaremos de receber imigrantes. Pelo contrário, com todas as restrições impostas nos países desenvolvidos, o Brasil continua sendo uma alternativa na vida de muitos imigrantes e refugiados. Assim sendo, os haitianos continuam chegando, em número muito menor, mas continuam acreditando em dias melhores para suas vidas e para o Brasil.

NOTAS

¹ Dados do SINCRE. Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros. Disponível em: <<http://obmigra.mte.gov.br/index.php/microdados>> . Acesso em: 18 fev.2019

² A Missão Paz é uma instituição dos Missionários de São Carlos, Scalabrinianos. Com larga vivência junto aos migrantes, imigrantes e refugiados em São Paulo.

³ <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/01/terremoto-no-haiti-matou-316-mil-afirma-premier.html>>. Acesso em 15 abr.2017

⁴ <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/07/apos-mudanca-de-lei-no-chile-haitianos-voltam-a-procurar-o-brasil.shtml>> . Acesso em: 15 jan. 2019

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação e Sociedade**, v. 25, n.87, p.335-351, Campinas-SP, 2004
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009
- ANTUNES, R; DRUCK, G. A epidemia da terceirização. In: ANTUNES, R. (org). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- BASSO, P. A jornada de trabalho no início do século. In: ANTUNES, R. (org). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; ARAUJO, D., TONHATI, T., A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. **Relatório Anual 2017 - Série Migrações**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2017.
- COTINGUIBA, G.C. **Imigração haitiana para o Brasil**: a relação entre trabalho e processos migratórios, 2014, 154 p. Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014.
- FARIA, A.V.de. **A diáspora Haitiana para o Brasil**: o novo fluxo migratório (2010-2012). 2012. 136f. Tese (Mestrado em Geografia). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2012.
- GERMANI, G. **Sociologia da modernização**: estudos teóricos, metodológicos e aplicados a América Latina. São Paulo: Mestre Jou, 1974.
- HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- _____. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013
- MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Vol. 1 e 2. São Paulo: Abril Cultural, 1988.
- NOGUEIRA, F. **Dèyè mòn, gen mòn**: Imigração Haitiana no Brasil – Relatos do Vivido. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós- Graduação em Humanidades, Direito e outras legitimidades, da FFLCH-USP. São Paulo: USP, 2017.
- OLIVEIRA, A.T.R. Os invasores: as ameaças que representam as migrações subsaariana na Espanha e haitiana no Brasil. **REMHU** - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXIII, n. 44, jan./jun. 2015, p. 135-155.

PINTO, T. **Jacobinos negros e a independência do Haiti**. Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-moderna/jacobinos-negros-e-a-independencia-do-haiti.htm>>. Acesso em 6 mar. 2016

SASSEN, S. **Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

TARRIUS, A. **La mondialisation par le bas: Les nouveaux nômades de l'économie souterraine**. Paris : Éditions Balland, 2002

VILLEN, P. A nova configuração da imigração no Brasil sob a óptica do trabalho. In: ANTUNES, R. (org). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III**. São Paulo: Boitempo, 2014.

RESUMO

Este artigo pretende analisar a situação dos imigrantes haitianos na cidade de São Paulo, procurando ancorar a reflexão a partir da centralidade do trabalho. Buscamos compreender como se dá a inserção laboral desses sujeitos no contexto da reprodução econômica e quais são as suas repercussões na vida social e no espaço da capital paulista. Pretendemos desvendar se as atividades exercidas por esses imigrantes no Brasil podem ser, de fato, consideradas precárias tendo em vista a formação acadêmica, os salários e as jornadas de trabalho em comparação às atividades que exerciam em seu país de origem, antes de migrarem.

Palavras-chave: Imigração haitiana; espaço urbano; mercado de trabalho; precariedade

ABSTRACT

This article intends to analyze the situation of Haitian immigrants in the city of São Paulo, seeking to anchor the reflection from the centrality of labor. We seek to understand how the labor insertion of this group occurs in the economic reproduction context and the impact in the social life and in the metropolitan space. We intend to uncover if the activities carried out by these immigrants in Brazil can be considered precarious based on the academic background, salaries, working hours and activities that they carried out in their country of origin before migrating.

Keywords: Haitian immigration; urban space; job market; precariousness

